

## «como coisa real por fora, como coisa real por dentro» – JORDI BURCH

«como coisa real por fora, como coisa real por dentro» resulta de uma investigação teórica e formal de Jordi Burch, iniciada há cerca de 2 anos, sobre a fotografia enquanto linguagem e suporte, recorrendo ao exterior da própria imagem e ao fazer fotográfico que aqui se assumem como matéria criativa. Trata-se, no fundo, de uma reflexão sobre a Fotografia e suas fronteiras, sobre o que, por definição, provocação ou da sua prática, lhe é intrínseco.

Entre o momento que se dispara a máquina fotográfica até à sua impressão, analógica ou digital, ocorrem imprevistos, erros, acasos involuntários cuja persistência e existência surgem da atenção e sensibilidade de quem os assiste e os releva, neste que é, sim, um acto voluntário e autoral. De certa forma, o mesmo princípio com que Marcel Duchamp submeteu a sua “Fountain”, em 1917 à Society of Independent Artists, onde viria a ser recusada. Esta espécie de R. Mutt, qual alter-ego de Jordi Burch, deambula pelo laboratório, perscruta o seu processo de trabalho, revelando, coincidência semântica, o seu pensamento artístico e sentido estético. Os diversos signos que compõem a linguagem fotográfica, na perspectiva de Jordi Burch, sejam os de carácter instrumental, como o papel ou o tinteiro, e aqueles que se relacionam com o pensamento como a paisagem ou o retrato, saem da sua própria materialidade e/ou significância, e assumem, em si mesmos, uma nova formulação sintáctica e artística, tendo cada um deles subjacente uma história e uma experiência desse “fazer fotográfico”.

O discurso expositivo inicia-se com a projecção desse espaço de criação onde tudo se transforma, nunca sendo perdido nem ganho. Ao fundo uma palmeira que se vai revelando na parede, tal como outra imagem da palmeira (a mesma?) que voltamos a encontrar mais adiante. No decorrer da exposição vão, então, surgindo estes signos, as tiras de papel onde podemos encontrar uma paisagem do Alentejo, as placas de corte onde nasce a ilha de Boipeba, os cartuchos de tinta que pontuam a exposição dessa representação mais visceral. Voltamos ao princípio, a palmeira porventura já se desvaneceu no dia que a luz projecta, e onde se poderiam escutar as palavras de Fernando Pessoa:

“Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.”

Ana Matos

Setembro de 2021

Cofinanciado por:

 COMPETE  
2020

 PORTUGAL  
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

**«como coisa real por fora, como coisa real por dentro / as a real thing on the outside, as a real thing on the inside» — JORDI BURCH**

«como coisa real por fora, como coisa real por dentro» is the result of Jordi Burch's theoretical and formal research on photography as language and support, started about two years ago, which resorts to the exterior of the image itself and the making of photography, used as creative matter. It is, in essence, a reflection on Photography and its boundaries, on what is by definition, provocation or practice intrinsic to photography.

Between the moment the camera is shot and the analogue or digital printing of the photo, unforeseen events, errors and involuntary happenstances occur, which persistence and existence result from the attention and sensibility of those who witness and remember them, in what is a voluntary and authorial act. In a way, it's the same principle under which Marcel Duchamp submitted his "Fountain", in 1917, to the Society of Independent Artists, which refused it. This kind of R. Mutt, like a Jordi Burch alter ego, wanders around the laboratory, scrutinises his work process, developing, in a semantic coincidence, his artistic thought and aesthetic sense. The various signs that, from Jordi Burch's perspective, make up the photographic language, whether those of an instrumental nature - such as paper or the inkwell - or those related to thought - such as the landscape or the portrait - emerge from their materiality and/or significance and take on a new syntactic and artistic formulation in themselves, each one with an underlying history and experience of that "making of photography".

The exhibition discourse begins with the projection of that space of creation where everything is transformed, never to be lost or won. In the background, a palm tree is revealed on the wall, as is another image of the palm tree (the same one?) that we will find again later on. These signs emerge through the course of the exhibition: the strips of paper where we can find a landscape of the Alentejo, the cutting slabs that give birth to the island of Boipeba, the ink cartridges that punctuate

the exhibition of that more visceral representation. We return to the beginning, the palm tree perhaps already faded in the day that the light projects, and where one might hear the words of Fernando Pessoa:

"Today I am bewildered, as one who wondered and discovered and forgot.

Today I am torn between the loyalty I owe

To the outward reality of the Tobacco Shop across the street

And to the inward reality of my feeling that everything is but a dream"

Ana Matos

September 2021

## « Como coisa real por fora, Como coisa real por dentro. O que quer dizer uma pura sequência de interrupções?<sup>1</sup>»

A exposição “Como coisa real por fora/ Como coisa real por dentro” de Jordi Burch, ora apresentada na Galeria das Salgadeiras cria um circuito que é também um curto-circuito. A forma como o artista articula o espaço do ateliê com os espaços expositivos, do acervo e do escritório da galeria e os objetos que lá estão postos, faz pairar uma série de questões e indeterminações sobre a natureza do trabalho de arte, sobre o que é o trabalho do artista, sobre em que medida a produção de objetos não seria algo residual, sobre a coleção como testemunho de ausências e de incompletudes e sobre o jogo de realidades implicado na produção, exibição e circulação, mediática e mercadológica das imagens.

Percorrer esse circuito proposto por Jordi implica deixar-se trasladar continuamente entre as diversas posições que compõem o tabuleiro do jogo da arte. Quem entra na galeria pode ver no espaço expositivo a projeção de um vídeo, uma escultura e uma bola de basquete. Intitulado “Como coisa real por dentro”, o vídeo começa com a sombra de uma palmeira projetada sobre uma superfície indeterminada enquadrada, provavelmente, por uma janela que se interpõe junto com a palmeira entre a fonte de luz e a superfície onde vemos a sombra da planta se agitar. Essa projeção (da sombra) dentro da projeção (do vídeo), “como coisa real por dentro”, ocupa não mais que a sexta parte da tela. Com o amanhecer e a paulatina entrada de luz solar no ambiente, reconhecemos, pouco a pouco, que aquela superfície indeterminada é uma das paredes do estúdio do artista. Sobre o piso vemos o acúmulo de filetes de papel, talvez provenientes do processo de refil de impressões como aquelas que aparecem nas paredes do ateliê, mas que, no entanto, ainda não tiveram suas bordas refiladas. O montículo de finas tiras de papel e a pilha de cartuchos usados indicam um volume de trabalho/ produção/impressões que não é possível identificarmos no vídeo. Algo se perdeu, se dissipou, foi destruído, descartado, editado ou está, tão somente fora do plano. O vídeo avança e um dos últimos objetos a aparecer é a bola de basquete que foi posta, como prova de realidade, na sala de exposição. Não é um ready-made, não está à venda, não figura como objeto arte, mas lá está ela, a bola, “real,

---

<sup>1</sup> Essa pergunta foi extraída do texto O círculo dos fragmentos in Roland Barthes por Roland Barthes.

impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa<sup>2</sup>, como se fosse uma pedra no meio do caminho<sup>3</sup>.

Há ainda nesse espaço, a escultura, uma peça de mais difícil reconhecimento uma vez que está posicionada de forma invertida em relação a como é vista no filme. No vídeo, podemos perceber no canto direito da tela, a presença discreta da peça de bronze na qual foi gravada a palavra “speech”, cujo o lado que no vídeo nos é inacessível, é o que de imediato vemos na sala de exposição que, aparentemente, nada mais é que a superfície de um plano curvado. “Speech” é uma pequena escultura do amigo e interlocutor de Burch, Tiago Mestre. Ao mesmo tempo ironia e marca da dimensão afetiva e da troca intelectual que faz parte do trabalho de todo artista, a peça de Mestre atesta, de um lado a opacidade e incomunicabilidade dos objetos e, de outro, irônica e paradoxalmente, sua capacidade de provocar o pensamento, a fala. Diferente da bola de basquete, “Speech” não é mera presença material, é rastro e signo do imensurável das relações, das influências e possibilidades de interpretação. O vídeo acaba assim como começa, pela luz. Luz, matéria essencial e perigosa à visão. Luz, “como coisa real por dentro”, que revela e devora a imagem no e do filme remarcando sua materialidade, seu corpo fotossensível. Quando o vídeo finda, inicia-se o curto-circuito: Quem entra na exposição deixando-se guiar pela experiência comum carregada de pressupostos, tais como o que pertence ou não ao espaço expositivo de uma galeria, provavelmente, irá ver o filme, a bola, a escultura e sairá da galeria pensando que a exposição acaba aí.

Mas, quem dispõe de um olhar mais atento poderá ver na parede entre o espaço expositivo principal e os bastidores da galeria, a fotografia de uma palmeira que o artista nomeia com o outro verso que compõe o nome da exposição. “Como coisa real por fora”, é a única impressão que não está presente no vídeo, está apenas sugerida como algo real por fora pela sua sombra projetada. Na exposição, a fotografia da palmeira é um convite para os visitantes adentrarem os espaços do acervo e do escritório, que em geral ficam à parte da exposição, mas que, não obstante são os lugares onde as negociações entorno das obras são realizadas. Distribuídas entre esses dois espaços, o acervo e o escritório, estão as gravuras que compõem a obra “Boipeba”, o tríptico das fotografias das tiras de papel que é denominado “Alentejo”, a fotografia de luvas usadas para a montagem e a manipulação de obras de arte e papéis sobre um fundo negro chamada “Paisagem” e mais outras fotografias que fazem lembrar dorsos nus, mas que na realidade são cartuchos de impressão usados. Importante destacar que cada uma dessas fotografias e gravuras serão sempre vendidas em conjunto com o vídeo “Como coisa real por dentro”, o que remarca o caráter fantasmático que opera na constituição do valor de qualquer mercadoria fazendo dessa falta, dessa incompletude, o combustível que alimenta a máquina do desejo de possuímos e colecionarmos objetos.

Nesse ponto, entre o desejo e a falta, vamos citar a estrofe do poema “Tabacaria” assinado pelo o heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, do qual o título da exposição de Jordi Burch foi

---

<sup>2</sup> Verso extraído do poema Tabacaria de Álvaro de Campos.

<sup>3</sup> Referência ao poema No meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade.

retirado: “Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu./ Estou hoje dividido entre a lealdade que devo/ À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,/ E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro”. Aqui, cabe estabelecer uma analogia: como Campos, Burch apresenta-se como alguém (como um artista) que experiencia o impasse entre a fidelidade à realidade externa, dada pela tabacaria, um estabelecimento comercial, e a sua própria realidade subjetiva, por dentro. Lembrando que o artista teve, durante muitos anos, uma vasta e importante atuação como fotojornalista, há que se pesar a importância da sua investigação entorno da fantasmagoria das imagens e das relações e realidades que constrói por meio do aspecto material da fotografia. Entre o que se vê como coisa material - o vídeo, a bola, a escultura e as impressões - de um lado, e a fabulação sobre o real que o artista constrói com esse (curto-)circuito que nos oferece, Burch cria um jogo de espectros se vendo em espelhos.

Esse jogo, coloca-nos constantemente dentro e fora do (de um) real: entre fatos objetivos (como a existência física dos objetos que aparecem, “como coisa real por dentro”, no espaço da galeria e, simultaneamente, “como coisa real por fora”, na imagem videográfica) e nas paisagens como algo, não necessariamente externo e objetivo, mas como produção interna ao psiquismo do artista. É a reminiscência como mecanismo projetivo que opera nas obras “Boipeba” e “Alentejo” e “Paisagem”. Por fim, o caráter erótico constitutivo das duas fotografias que Jordi faz de cartuchos de tinta usados se dá em função de escolhas precisas, desde o enquadramento, passando pela escala da impressão, até chegar na supressão da cor. Assim, o artista inscreve o erótico em nosso olhar, como o narrador do livro invenção de Morel de Bioy Casares, o situando-nos dentro e fora do delírio do real, dentro e fora de nosso desejo. Inscrevendo-se, a si próprio, dentro e fora da posição de artista. Afinal, o artista é sempre um outro.

Lais Myrrha

(artista visual)

Brasil, Setembro de 2021

Cofinanciado por:



UNÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional